Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

XV Anno | 11 DE OUTUBRO DE 1892 | Volume XV — N.º 497

COMMISSÃO DA EXPOSIÇÃO AGRICOLA D'ELVAS

DR. ANTONIO LARCHER MARÇAL

FRANCISCO DA SILVA LOBÃO RASQUILHA

COMMENDADOR EUSEBIO NUNES

DR. JOÃO HENRIQUES TIERNO

LUIZ LUCIO LOPES DO COUTO

AUGUSTO MASSANO

JOAQUIM DIAS BARROSO

CHRONICA OCCIDENTAL

Preso por ter cão, preso por não ter cão, eis a situação do governo no assumpto S. Carlos.

A situação no fim de contas não é nova: é a eterna situação de toda a creatura humana, e mesmo de toda a creatura divina, perante a opinião publica, e senão vejam o que ella tem dito de Deus, e dos Anjos, e dos Santos, e da atmosphera, e do clima, e de tudo emfim!

La Fontaine o grande observador da vida humana, o grande realista dos tempos em que ainda se não fallava em realismo e que estudou a humanidade com todos os seus defeitos, com todos os seus vicios, com todos os seus ridiculos, com todo o seu egoismo, photographou magistralmente essa situação na sua immortal fabula, *O moleiro, seu filho e o burro*.

Essa fabula é tudo o que ha de mais verdadeiro no mundo, é a synthese da historia da opinião publica em todos os tempos, em todos os paizes e em todos os assumptos.

Sabem-n'a de cór e salteada não é assim?

Um moleiro velho ia por um caminho com seu filho e com um burro.

Os dois iam a pé e levavam o jumento pela arreata

Um sujeito passa — a opinião publica — e exclama:

— Que dois patetas, a pé a cançarem se e o burro muito descançado, sem ninguem.

O moleiro ouve e quer contentar a opinião publica. Salta para cima do burro emquanto seu filho caminha a pé ao lado.

Passa outro sujeito:

— Ora o mariolão Elle o homem feito, robusto, a cavallo, e o filho, o rapaz, a creançola, a pé! Que patife!

O moleiro apeia-se e faz montar no burro o filho.

Passa outro sujeito.

— Que disparate! O rapaz que está na força da vida, a cavallo, muito descançado, e o pae, coitadito! a pé, a esfalfar se.

O moleiro comprehende o que a opinião publica quer, e monta tambem sobre o burro ao lado do seu filho.

Passa outro sujeito:

— Que grande pouca vergonha! Os dois tragalhadanças a cavallo no pobre burrinho, no desgraçado animal que mal se pode mecher com o pezo.

Ferido pela verdade da critica o moleiro apeia-se com o seu filho, os dois agarram no burro e levam-n'o ás costas para o pobre animal se não cançar.

Passa ainda outro sujeito, e faz uma troça enorme.

— Que idiotas! Carregados com o burro!

E o bom do moleiro fica completamente ás aranhas sem saber o que ha-de fazer para contentar a opinião publica.

O João da Camara, o illustre dramaturgo de *D. Affonso VI* e do *Alcacer Kibir*, contou-me aqui ha tempos uma historia por elle presenceada ha annos em Torres Vedras, que é a fabula do moleiro em acção.

O eminente escriptor estava em Torres trabalhando no traçado d'uma linha ferrea no tempo em que ali se deu um grande crime.

Uns trabalhadores da linha assassinaram barbaramente um dos empreiteiros.

Foram presos e d'ali a semanas para serem levados ao tribunal passaram a pé, mettidos entre a escolta, pela casa onde o assassinio tinha sido commettido.

Os criminosos eram tres.

Um ao passar pela casa voltou a cabeça e olhou para o outro lado.

Commentario do publico:

— Que tratante! não se atreveu a olhar para a casa onde commetteu o crime! Que mariola!

O outro olhou para a casa:

— Que patife! commentou o publico! Nem sequer afastou os olhos da casa onde matou o desgraçado! Que facinora!

Finalmente o terceiro, nem olhou para a casa, nem voltou a cabeça para outro lado, pregou os olhos no chão e assim passou.

— Que desavergonhado! Não se atreveu a erguer os olhos do chão. Que hypocrita! que malvado!, commentou o publico.

E sempre e em tudo a eterna historia: — preso por ter cão, preso por não ter cão.

E' o caso do governo:

Põe o theatro de S. Carlos a concurso, dando a illuminação, aqui-d'el rei, que favorece o theatro prejudicando o thesouro.

Põe o theatro de S. Carlos a concurso sem dar a illuminação, aqui-d'el-rei que favorece o thesouro prejudicando o theatro.

Ora como no primeiro caso nós fomos dos que gritámos contra, entendemos que temos a obrigação de defender o governo agora, no segundo caso, afastando nos assim da opinião publica, para nos conservarmos dentro da nossa opinião.

Nós não chorariamos de modo algum o subsidio que se dava ao theatro de S. Carlos, nem a illuminação que se lhe pagava, nem todo o dinheiro que se lhe desse para ser maior o seu brilho artistico, primeiro, se a situação do nosso thesouro fosse desafogada, se não se estivesse todos os dias a exigir em nome da salvação publica sacrificios graves a todos os cidadãos; segundo, se antes de se dotar largamente o theatro lyrico italiano se dotasse largamente o theatro nacional, se a protecção dada á musica fosse englobada em egual protecção dada a todas as nossas bellas artes.

Desde o momento porem que nenhum d'estes dois casos se dá infelizmente, entendemos que o governo não pode nem dêve estar a subsidiar um theatro, para pagar contos e contos de reis a tenores e a prima-donas no momento em que o paiz atravessa uma gravissima crise financeira, e em que a arte nacional é mais desprotegida do que nunca.

Gritámos contra o primeiro programma para a adjudicação do theatro de S. Carlos por que vimos que n'esse programma se por um lado se retirava o subsidio de 25 contos de réis annuaes, se dava por outro lado um subsidio que podia ser muito maior ainda — o da illuminação, que n'uma epocha de cinco mezes podia representar oito ou nove contos de reis, e que durante um anno todo, se qualquer empreza se lembrasse de explorar durante todo o anno o theatro de S. Carlos podia representar 20 a 30 contos, — caso que não estava previsto no programma — concorrendo além d'isso o governo com a despeza necessaria para a montagem d'uma opera nova cada epocha.

E porque gritamos contra esse primeiro concurso, não podemos deixar de approvar este segundo concurso, cujo programma publicado no *Diario do Governo* de sabbado não importa despeza alguma para o thesouro, a não ser uma despeza que não se podia deixar de fazer; a de fornecer os apparelhos e machinas de illuminação em estado de funccionar.

Levantam se já por ahi grandes clamores contra o novo programma e precisamente porque n'elle o governo dá pouco e pede muito.

E' claro que sim, e que faz muito bem, e que não podia fazer outra coisa na situação actual do paiz.

O governo dá o theatro: dá os apparelhos e machinas da illuminação, dá o espolio de scenario, de adereces e de guarda roupa que é do governo.

Aqui-d'el-rei que esse espolio é pequenissimo, é insignificante e que o espolio bom não é do governo, mas sim das emprezas que pelo theatro de S. Carlos.

Não sabemos se o espolio é bom ou mau, em todo o caso o governo dá o espolio do theatro de S. Carlos que é seu, para a empreza adjudicataria se servir d'elle, e quem dá o que tem não é a mais obrigado.

E depois parece-nos que a questão da propriedade dos espolios que as emprezas anteriores tem deixado ainda está por decidir, e que se por um lado alguns dos artigos dos contractos anteriores fazem crêr que o scenario, adereces e guarda roupa feitos pelas emprezas exploradoras do theatro ficam pertencendo a essas emprezas, por outro as disposições de dois ou tres artigos fazem crêr que esses espolios ficam pertencendo ao Estado.

Esse ponto não está infelizmente bem claro, bem definido: presta-se a varias interpretações, mas o que é claro é que o governo não havia agora de mandar fazer scenario e fatos para com elles presentear as emprezas futuras.

O programma do concurso apezar de ter exigencias tem n'as muito menores que das outras vezes, como era logico desde o momento em que retirava o subsidio.

Entretanto o governo quer ver se póde conservar ainda certo brilho ao nosso primeiro theatro lyrico e por isso exige que pelo menos a empreza traga cinco cantores de primeira ordem — um soprano, um meio soprano um tenor, um baixo, e um barytono.

E' demasiada exigencia? Pode ser, mas ao governo corre a obrigação de puchar a braza á sua sardinha o mais que puder, e se a braza se não chegar, então comerá a sardinha crua, ou ficará sem a comer, isto é, se não apparecer concorrente, ou ficará com o theatro fechado, ou então descerá da burra, dal-o-ha com menos exigencia, ou alugal-o-ha a quem mais der, o que é tambem uma solução no caso dos outros falharem.

Entretanto parece-nos que isso não acontecerá e que apezar do programma não fazer crescer agua na bocca, o concurso não ficará sem licitantes.

Falla-se por ahi em muitos: diz se por exemplo que o tenor Stagno e a prima dona Bellenceoni pensam em tomar o theatro: que o barytono Devoydoo tambem pensou n'isso, em sociedade com o Massini e o Cotogne, o que seria optimo; que o tenor Gabriellesco, a prima dona Gabbi e o maestro Mancinelli tambem teem suas vistas sobre o theatro, que o conde de Michelena, o emprezario do theatro real de Madrid acaricia o plano de ser emprezario dos dois theatros lyricos, o de Madrid e o de Lisboa, em summa falla-se em muita gente, mas no que se falla com mais insistencia é n'um antigo emprezario de S. Carlos e até já se diz em que dia abre o theatro e em que dia fecha — 15 de novembro e 15 de abril e que companhia traz — a de S. Petersburgo, que não póde ali funccionar por causa do cholera, parecendo-nos que saber-se tudo isto é saber de mais, e é n'um syndicato de capitalistas tendo á sua frente um cavalheiro que nunca tratou de negocios lyricos.

Entretanto não vale a pena estar a matutar em quem apparecerá no concurso: elle está aberto apenas por 15 dias e por isso pouco viverá quem não ver o que d'este concurso sae.

*

Ao passo que os *dilletantis* e os musicos não fallam senão em S. Carlos; os politicos não fallam e não pensam senão nas eleições que estão a bater á porta preoccupando-se muitos com o facto de coincidir o dia das eleições com o da partida da familia real, da côrte, e do presidente do conselho para Madrid.

E aqui tem outra coisa em que muita gente pensa. Madrid.

As festas que lá se preparam annunciam-se deslumbrantes e comprehende se bem que haja muita vontade e muito alvoroço em ir lá vel as.

Nós tambem tinhamos essa vontade mas naturalmente ficamos só com a vontade e para isso consolarmos recordar nos hemos da nossa ida lá ha nove annos, acompanhando El-Rei D. Luiz e a rainha sr.ª D. Maria Pia, apesar de não ser esta, segundo a opinião de Dante, a maneira mais efficaz d'uma pessoa se consolar da semsaboria actual.

*

Á ultima hora um acontecimento de sensação: uma novidade na pacatez semsaborona da vida lisboeta — uma caçada ao urso, e em plena cidade a dois passos de S. Sebastião da Pedreira.

A noticia espalhou-se hoje 10, ás 4 horas da tarde com uma grande rapidez por toda a cidade, sendo acolhida por quasi toda a gente como chalaça de inventor de novidades.

Mas soube-se logo que não era chalaça e que de facto dois ursos tinham fugido da sua jaula no Jardim Zoologico e morto o tratador e ferido gravemente um guarda do Jardim.

A noticia fez sensação enorme na baixa e tanto maior quanto o boato a contar um conto accrescentou-lhe um ponto, a fuga d'um dos ursos para Palhavã.

Correu muita gente immediatamente ao Jardim, e então soube-se que um dos ursos estava já preso, e que outro fôra morto por uma bala d'um soldado da companhia fiscal.

E os animos serenaram, mas os commentarios e as discussões continuavam e os ursos do Jardim Zoologico estarão no galarim durante uma mão cheia de horas...

*

Na nossa proxima chronica daremos mais larga noticia das festas de Hespanha, festas para onde já partiram quatro portuguezes dos mais illustres do nosso paiz: Pinheiro Chagas, como representante de Portugal, o dr. Bernardino Machado, que vae assistir ao congresso pedagogico, Bordallo Pinheiro o grande artista, e Ramalho Ortigão, como delegado da secção colombina.

Gervasio Lobato.

AS FESTAS D'ELVAS

A tradicional romaria ao Senhor Jesus da Piedade é a festa que annualmente attrahe a Elvas maior numero de forasteiros, em grande parte provenientes das povoações hespanholas e portuguezas que mais se avisinham da velha cidade da fronteira portugueza.

A fama dos milagres attribuidos ao Christo, que se venera no pequeno mas elegante templo da Piedade, transmittida, com o correr dos annos, de logar em logar, de herdade em herdade, de monte em monte, de choça em choça, engrossou successivamente as fileiras dos piedosos devotos da veneranda imagem, tornando o arraial, que se leva a effeito nas proximidades da egreja, o mais concorrido e afamado de todo o Alemtejo. Não pequena influencia tiveram tambem para a importancia, que estes festejos adquiriram, a feira franca denominada de S. Matheus, que pela mesma occasião se celebra, e o proverbial affecto que o povo de Olivença ainda hoje conserva pelos usos e folguedos portuguezes; affecto que lhe ficou da união que comnosco manteve durante seculos e que as consequencias d'uma politica fraca e inepta e o egoismo dos nossos alliados fizeram um dia romper.

Ha alguns annos, porem, que a affluencia de forasteiros a Elvas, por occasião de suas festas, decresceu sensivelmente. As successivas invasões de cholera morbus em Hespanha, com o seu cortejo de cordões e lazaretos, desviando os nossos visinhos dos habitos que conservavam; e quiçá, talvez, a diminuição progressiva das crenças religiosas, propria da epocha que atravessamos, foram as causas a que se deve attribuir esse descrecimento.

Impunha-se, portanto, aos habitantes de Elvas, a necessidade de chamar, com attractivos novos e mais em harmonia com o espirito de hoje, uma concorrencia egual, senão superior, á de outros tempos, afim de que a cidade conservasse o bom nome que adquirira, e as suas condições de prosperidade e riqueza podessem ser devidamente apreciadas pelos extranhos.

Este natural desejo de engrandecimento para a sua terra natal era ainda accrescido, no presente anno, pelo não menos natural de retribuir, embora por uma fórma modesta, a fidalga hospitalidade e as innumeras attenções e finezas de que os representantes do municipio elvense foram alvo, quando, em agosto do anno findo, tinham ido, por expresso convite do *Ayuntamiento* de Badajoz, assistir aos festejos que então se realisavam na formosa capital extremenha.

Imperavam estas considerações no animo publico quando o sr. Francisco da Silva Lobão Rasquilha — lavrador intelligente e arrojado, e um dos mais acerrimos propugnadores dos interesses da sua industria — propoz em sessão camararia que se levasse a effeito, por occasião das festas de setembro, uma exposição agricola concelhia, onde tivessem larga e digna representação não só os productos arrancados á terra pelo esforço do homem, na area do concelho, mas ainda as alfaias agricolas e os instrumentos empregados para esse fim.

Acolhida a ideia com enthusiasmo pela camara, tratou logo o sr. presidente, commendador Eusebio Nunes — um dos vultos mais salientes do mundo elvense e que maior prestigio tem alcançado — de organisar uma commissão que cooperasse leal e dedicadamente com a municipalidade para o fim que esta tinha em vista, e em que tivessem entrada elementos de todas as parcialidades politicas para que os despeitos ou as abstenções não podessem fazer sossobrar um pensamento que tão digno de realisação se lhe antolhava.

Poucas terras offerecerão, como Elvas, o grato e surprehendente espectaculo de ver reunido o concurso unanime de uma povoação inteira nas occasiões em que a honra da cidade assim o exige. Foi o que se evidenciou quando se tratava em 1883 de receber condignamente os actuaes reis de Portugal; foi o que mais uma vez se demonstrou com as festas de setembro E, se isto assim succede, é porque as luctas politicas ou pessoaes, que dividem os habitantes da nobre cidade alemtejana, não passam de ligeiras escaramuças em que os mais ousados combatentes não recebem feridas que os possam separar eternamente. Ralha-se muito, é verdade; mas as perseguições violentas, seguidas de não menos violentas represalias, são coisas de que nunca se faz uso.

A commissão organisou-se portanto sem difficuldades, subdividindo-se em duas, de que uma, presidida pelo sr. dr. João Henriques Tierno — medico laureado pela Universidade de Coimbra —, teve a seu cargo organisar a exposição, e outra, presidida pelo sr José Nunes da Silva Sobrinho — importante commerciante da praça d'Elvas —, ficou encarregada dos demais festejos que deviam conjunctamente realisar se.

Eis os factos que determinaram as esplendorosas festas que Elvas este anno offereceu aos seus visitantes.

* * *

Ao sul da cidade, n'uma pequena proeminencia que fica proxima á estrada que das portas de Olivença conduz ao sitio da Piedade, erguia-se o pavilhão principal da exposição agricola elvense.

Contra a primitiva ideia que fôra a de installar no edificio do extincto Trem, realisava-se esta em construcções de natureza rustica e extra-muros da cidade, em virtude d'um alvitre do sr. dr. João Henriques Tierno; alvitre realmente felicissimo sob o ponto de vista esthetico e que deu bons resultados, embora, na occasião em que foi apresentado, a muitos se affigurasse de difficil, senão impossivel, execução, pela estreiteza do tempo de que se dispunha e enorme dispendio que deveria acarretar.

Acceite o alvitre e escolhido o terreno pela commissão, surgira logo do seio d'esta um plano detalhado das construcções a executar e da sua disposição relativa. Era o seu auctor o sr. Augusto Massano, distincto official do exercito cujos extraordinarios dotes artisticos se têm revelado em muitas circumstancias. O plano satisfazia cabalmente aos desejos da commissão, e esta tratou immediatamente de o pôr em pratica, encarregando logo o sr. Massano de proceder aos traçados e movimentos de terra indispensaveis para adequar o local escolhido ao fim a que era destinado. Surgiram então algumas difficuldades, provenientes da falta de madeira de pinho, com que tanto se lucta no Alemtejo; mas, vencidas ellas depressa progrediram os trabalhos que em pouco mais de vinte dias estavam concluidos. Foi durante elles que se mostrou, por uma forma brilhante, a espontaneidade e boa vontade com que todos concorreram para que a exposição fosse em tudo digna da cidade que a organisava, destacando-se singularmente — ao lado de Rasquilha e Massano que não tinham abandonado, um a sua ideia, e o outro o seu plano dois indefessos trabalhadores cuja actividade e dedicação não tiveram limites. Foram elles os srs. Joaquim Dias Barroso e dr. Antonio Larcher Marçal, o primeiro dos quaes dirigira a sua actividade para o pavilhão principal, e o segundo para o recinto ajardinado traçado aos lados da grande avenida que conduzia á exposição.

Concluidas as construcções, procedeu-se á ornamentação das salas, para o que a commissão teve o efficacissimo auxilio de varios cavalheiros extranhos a ella, entre os quaes não deverão ser esquecidos os srs. José Luiz de Carvalho, João Carlos Zagallo das Torres, Manuel Caldeira Cayolla e Alfredo Torres de Carvalho, pelos relevantissimos serviços que desveladamente prestaram; seguindo se finalmente a installação dos productos, previa e cuidadosamente inscriptos, classificados e etiquetados pelo secretario da commissão o joven lavrador sr. Luiz Lucio Lopes do Couto.

Como dissemos, o pavilhão principal erguia se n'uma proeminencia do terreno que fica ao sul da cidade. Era circumdado por um vasto recinto fechado, onde se achavam dispersas as demais installações, que consistiam em outro pavilhão denominado dos lavradores, em um grande numero de estabulos para gado, etc.

Composto de tres corpos e revestido exteriormente, no tecto e paredes, de piorno, com adornos de palha, sobro e cortiça, o pavilhão principal era interiormente decorado com fazendas de cores vivas, mantas e cobrejões alemtejanos, tropheus de instrumentos agricolas, objectos de cobre e estanho, n'uma disposição artistica do mais deslumbrante effeito. Aos centros e nos intervallos das janellas dos dois corpos lateraes ostentavam-se as carcassas primorosamente adornadas, contendo uma grande variedade de productos agricolas, que, pela sua qualidade e pelo numero de expositores de que provinham, não envergonhariam uma exposição organisada para uma area muito menos restricta e n'um centro de recursos de muito maior importancia.

Ali se encontrava tambem uma linda collecção de objectos de luxo e de cortiça, feitos pelos pastores nas horas em que apascentam os seus rebanhos. Esta collecção tornava-se notavel pela belleza dos objectos que a constituiam, pela delicadeza dos seus rendilhados, pela perfeição e rigor dos desenhos e lavores. É assombroso realmente o pensar que os rudes artistas, que delinearam e executaram aquelles primorosos trabalhos, tivessem apenas como instrumento uma navalha; como noções de arte as que lhes dictava o instincto innato do bello; como conhecimentos geometricos os que lhes fornecia a contemplação inconsciente das obras da natureza.

Em volta do pavilhão principal estendia se o campo da exposição, com as suas edificações de natureza rustica, d'uma belleza e elegancia inexcediveis. Ali os estabulos para cavallos, vaccas tourinas, eguas e jumentos, com as suas coberturas de colmo e piorno; mais adiante os chiqueiros para porcos; alem os redis e bardos de cancella para os gados caprino e ovino; nas proximidades da estrada os carros alemtejanos com as suas carradas de lenha ou de palha; a cincoenta ou sessenta metros do pavilhão principal, o dos lavradores, destacando se das demais installações pelos revestimentos exteriores de lona e setinetas e pela forma do portico que contrastavam com a apparencia rustica de tudo o que se achava em volta.

Foi n'este ultimo pavilhão que no dia 20 de setembro se realisou a sessão solemne da abertura da exposição, com a comparencia das auctoridades locaes, governador civil de Portalegre, *Ayuntamiento* de Badajoz — representado na pessoa do *alcalde* presidente sr. D. Cayetano Rodriguez y Medina e nas do cinco *concejalles* —, representantes da imprensa, etc.; pronunciando o sr. presidente da camara um breve mas substancioso discurso, que foi seguido de outros dos srs. governador civil de Portalegre e *alcalde* de Badajoz; passando em seguida a camara e os seus convidados a visitar a exposição.

Eis, a largos traços, uma nota das installações da exposição agricola concelhia que Elvas realisou com o auxilio sómente dos seus proprios recursos, a não contarmos o subsidio de duzentos mil réis que lhe foi concedido pelo governo, a requerimento da camara benevolamente informado pelo sr. governador civil do districto, e a instancias particulares do illustre presidente da commissão da exposição, sr. dr. João Henriques Tierno; subsidio que pode significar, e significa por certo, a boa vontade do governo, mas que não constituiu um auxiliar poderoso e efficaz.

Ao passo que a exposição se realisava por formas a satisfazer os justos anhelos dos habitantes de Elvas, evidenciando clara e brilhantemente os seus brios e a riqueza agricola do concelho, os demais festejos, que simultaneamente tinham logar, não destoavam em cousa alguma d'esse brilhantismo.

Constituira-se para os dirigir, como já dissemos, uma commissão presidida pelo sr. José Nunes da Silva Sobrinho, cavalheiro de espirito largo e rasgado, e que muito sensata e zelosamente tem exercido o cargo de provedor da Santa Casa da Misericordia. Faziam ainda parte d'essa commissão, alem de outros cavalheiros, os srs. Antonio Garcia de Andrade, vereador que, n'uma ausencia do sr. commendador Eusebio Nunes, assumira a presidencia da camara, dirigindo activamente os trabalhos e occupando-se com todo o zelo na preparação dos paços do concelho e casa destinada á hospedagem dos convidados, e Manuel Joaquim das Torres, antigo vereador e bibliothecario municipal, que, pela sua reconhecida competencia para tal fim, fôra especialmente encarregado de providenciar para que o banquete dado em honra do *Ayuntamiento* de Badajoz fosse em tudo á altura da corporação a que era dedicado e do bom nome da briosa cidade que o offerecia.

Esse banquete, pela delicadeza do *menu*, pela variedade, riqueza e progressão dos vinhos, pela artistica disposição da mesa, foi realmente um festim principesco.

Ali se pronunciaram muitos e eloquentes discursos, sobresahindo, segundo a ordem porque foram ouvidos, — entre os nossos compatriotas — o do dr. Eusebio Nunes, pelo aprimorado da phrase e erudição; o do sr. Augusto Massano, pela expontaneidade e graça natural dos appropositos e da dicção; e o do sr. dr. Tierno, pela riqueza e suavidade das imagens; e — entre os dos nossos hospedes — o do sr. *alcalde*, pela facilidade da elocução; e o do sr. D. Federico Abarrátegui, secretario da deputação provincial de Badajoz, pela eloquencia vigorosa e cheia de rasgos oratorios.

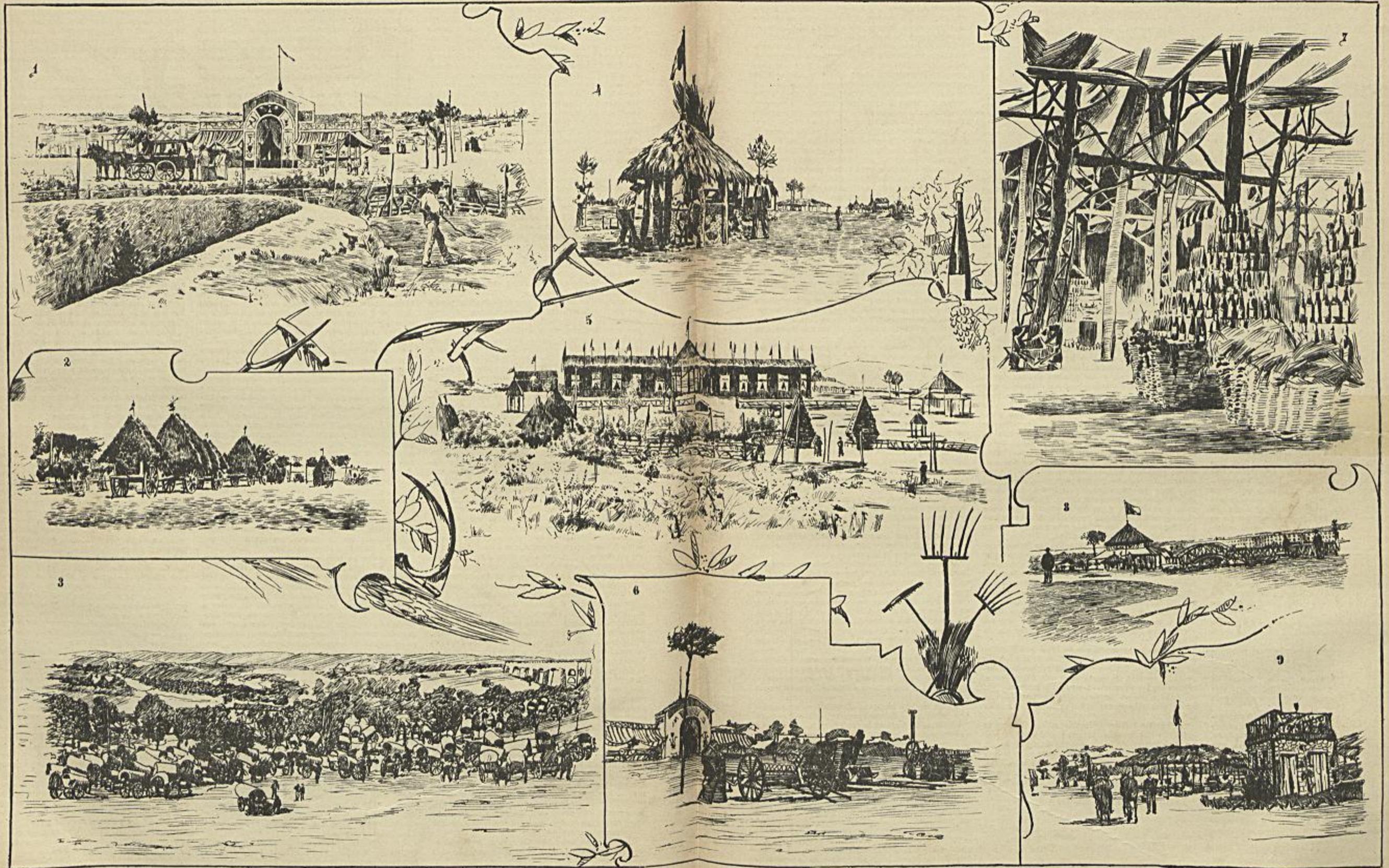
O que todos os festejos tiveram de grandioso e quanto a hospitalidade elvenses deixou penhorados os representantes da cidade de Badajoz, dizem-no as demonstrações de affecto e gratidão dos nossos hospedes do visinho reino, prova-o a opinião unanime e insuspeita da imprensa hespanhola; attestam-no as saudades com que todos os visitantes de Elvas recordam os agradaveis dias que ahi passaram.

Não procuraremos nós descrevel-os. Por mais exforços que empregassemos, sempre a descripção ficaria muito áquem da realidade. E depois, para quê? As festas deram brado no paiz porque attingiram verdadeiramente a grandeza, e o que é grande por si mesmo não precisa de ser enaltecido.

E essa grandeza proveio-lhe de raro exemplo de civismo dos habitantes de Elvas que, todos unidos, sem exclusão de partidos nem de classes, cooperaram dedicadamente para que o bom nome da sua terra não fosse desmentido.

Eis o que tanto mais nos apraz proclamar quanto é certo que não nos unem a Elvas senão os laços contrahidos n'uma permanencia de sete ou oito annos e devida aos encargos da nossa profissão.

Elvas. *A. Alves de Macedo.*

EXPOSIÇÃO AGRICOLA D'ELVAS

1 Pavilhão dos lavradores. — 2 Carros de feno e de palha. — 3 Acampamento de carros Alemtejanos, no Rocio do Calvario. — 4 Aviarios e estabulos. — 5 Pavilhão principal da Exposição. — 6 Machinas agricolas. — 7 Interior do pavilhão principal. — 8 Lagos e restaurant. — 9 Estabulos de vaccas tourinas.

(Desenhos de L. A. Freire e A. Silva, segundo photographias dos amadores photographos srs. dr. Martins Velho e M. B. Marques)

AS NOSSAS GRAVURAS

O NAUFRAGIO DA CANHONEIRA GUADIANA

Na segunda feira 3 do corrente bateu d'encontro ás pedras da Restinga, no baixo chamado *Moita*, fronteiro ao chalet do sr. João Ulrich, perto do Estoril, a canhoneira *Guadiana* da nossa marinha de guerra, que ficou encalhada inclinando se a bombordo mettendo a amurada debaixo d'agua. O navio recebeu dois rombos proximo da casa da machina. A violencia do encontro foi tal que, a rocha estalou, partindo se em varios sitios. A tripulação pediu immediatamente soccorro e por temerem a caldeira rebentasse, arriaram escaleres e fizeram-se ao largo. De Cascaes largou logo o barco salva-vidas, escaleres do *Voador*, do *Lidador*, da *Zambeze*, barcos das armações de João Rosa e varios outros bateis, lanchas, etc.

D'ahi a pouco a guarnição reconhecendo ter passado o perigo d'explosão, abordou ao navio e em tres horas d'um trabalho insano desarvoraram-n'o e desguarneceram n'o, tirando mesmo as peças d'artilharia, que foram recolhidas no *Lidador*.

Do arsenal foram prestados todos os soccorros possiveis. Havendo-se conseguido tapar com tijolos e cal argilosa, um dos rombos, pensou-se em esgotar o navio e pol-o a nado na maré consequente, mas a maré veio e não se importou com o navio que continuou e continua socegadamente estendido no leito formado pela *Moita*.

Ha n'este sinistro, dois pontos essenciaes para quem o observar. No primeiro que por evidente e irrefragavel nota-se é indiscutivel, como que uma especie de desforço da natureza insultada. No segundo, vae tornar mais arraigada a superstição na gente de espirito menos cultivado d'aquella localidade.

Subjectivamente ao primeiro caso, occorre nos que tendo sido o oceano provocado, com a exhibição d'um naufragio simulado, que alli n'aquelle mesmo logar se effectuou para experimentar o material de salvamento e soccorros apropriados, adquirido pela camara de Cascaes. Mas este parallelo cae, logo que nos lembremos que não foi o sinistro que relatamos devido á tempestade, mas simplesmente ao partir-se o gualdrope do leme segundo uns, e ao menos conhecimento e impericia do piloto, segundo outros; o que não nos parece verosimil, attento o navio empregar-se no serviço da pilotagem e ser impossivel desconhecer a existencia d'um escolho de que até o Chefe de Estado tinha conhecimento, e que assim o demonstrou, fazendo signal á canhoneira quando ella passava pela frente da cidadella.

Na primeira hypothese (que o é para mim) é facil substituir um gualdrope, mettendo um qualquer pedaço de madeira de forma de canna, e o timoneiro ir não então á roda que é inutil, mas sim ao proprio leme.

Foi um desastre filho do descuido, e o descuido é sempre condemnavel, no final é a nação quem paga todas as avarias.

Era a canhoneira commandada pelo primeiro tenente Annaya que mostrou n'este desastre o não conhecer o littoral, o que é para lamentar n'um official da armada portugueza. A marinha está de lucto e deve assim ser porque o sinistro equivale a uma perda que bastante incide na armada, pela opinião publica.

O segundo caso, que notámos, isto é, o arraigamento dos prejuizos; dos preconceitos de superstição. Diz aquella boa gente, na sua ingenuidade, que este desastre foi um castigo ao naufragio que horas antes alli se simulara.

Aconteceu o abalroamento ao meio dia e a cerca de 80 metros de terra. El rei, os srs. infante D. Affonso, ministro das obras publicas estiveram no logar do sinistro, assim como muitos outros funccionarios.

A nossa gravura representa o navio tal como estava na occasião do sinistro; pois que alli mandamos o nosso *reporter* artistico, logo que tivemos conhecimento do naufragio.

A canhoneira *Guadiana* foi construida em Inglaterra em 1879. É de 161 toneladas e a machina tem a força de 40 cavallos, e é esta machina o que, visto a impossibilidade de salvar o casco, se tenta subtrahir ao anullamento. Que bem se consiga é o que desejamos, porque do mal o menor.

OS AUTOGRAPHOS DE CHRISTOVAM COLOMBO

XV

(Continuado do n.º antecedente)

(sobrescripto). A mi muy caro fijo D. Diego Colon — En la Córte

Muy caro fijo: Hoy son ocho dias que partió de aqui tu tio y tu hermano y Carvajal juntos para bejar las Reales manos de su Alteza y le dar cuenta del viage, y tambien para te ayudar á negociar lo que allá fuere menester.

Don Fernando llevó de aqui 150 ducados a su albedrio; el habra de gastar dellos, lo que él tuviere te los dará. Tambien lleva una carta de fée de dineros para esses mercadores. Ved que és mucho menester de poner buena guardia en ellos que allá hobe yo enojo com ese Gobernador, porque todos me decian que yo tenia alli 11 ó 12:000 castellanos y non hobe sino cuatro. El se queria meter en cartas comigo de cosas à que non soy obligado, y yo con la confianza de la promessa de su Alteza, que me mandarian restituir todo, acorde de dejar esos cuentos con esperanza de se las tomar à él. Ansi que bien que tenga alla dineros, non hay nadie por su soberbia, que se los ose requerir.—Yo bien sé que depues de yo partido que el habrá recebido mas de 5:000 castellanos.—Si possible fuese de haber una carta de buena tinta de su Alteza para el, en que le mandase con la persona que yo enviaré con mi poder, que luego sin dilacion envie los dineres y cuenta complida de todo lo que a mi pertenece, seria bueno; porque de otra guisa non dará mi a Miguel Dias ni Velazquez nada, ni le osan ellos fablar solamente en ello.—Carvajal muy bièn sabrá como esto ha de ser: vea el esta. Los 150 ducados que te envió Luis de Soria, cuando yo vine, están pagos à su volontad.

Con D. Fernando te escrebi largo, y envié un memorial. Agora que mas he pensado digo, que pues que sus Altezas al tiempo de mi partida dijeron por su firma y por palabra que me darian todo lo que por sus privilegios me pertenece, que se debe dejar de requerir el memorial del tercio, ó del diezmo y ochavo, salvo sacar el capitulo de su carta adonde me escriben esto que dijo, y requerir todo lo que me pertenece como lo tiene por escrito en el libro de los privilegios, en el cual va tambien aclarado la razon porque yo he de haber el tercio, ochavo y diezmo; porque depues habra siempre lugar de abajar á lo que la persona quisiese; pues sus Altezas dicen en su carta que me quièren dar todo lo que me pertenece.—Carvajal muy bien me entenderá si veer esta carta y cualquiera otro, que harto ver clarer. Tambien yo escribo a su Alteza, y en fin le acuerdo que debe proveer luego las Indias porque aquella gente non se alterase, y le acuerdo la promesa que arriba dije.—Debiades de veer la carta.

Con esta te envio otra carta para los dichos mercadores.—Ya dije la razon que hay para templar el gasto.—A tu tio tien el acatamiento que és razon, y a tu hermano allega como debe hacer el hermano mayor al menor; tu no tienes otro y loado nuestro Señor, es tal que bien te es menester. El ha salido y sale de muy bien saber.—A Carvajal honra y á Gerónimo y á Diègo Mendez; a todos dás mis encomiendas Yo non les escribo que non hay que y este portador va de priesa.

A cá mucho se suena que la Reina que Dios tiene, ha dejado que yo sea restituido de la posesion de las Indias.—En llegando el escribano de la Armada te enviaré las pesquizas y original de la escritura de los Purros —De tu tio y hermano non he habido nueva despues que partieron.—Las aguas han sido tantas acá que el rio entra en la cibdad.

Si Agostin Italian y Francisco Guimaldo no te quisieren dar los dineros que hobieredes menester, busquense allí otros que los den: que yo, en llegando acá tu firma yo los pagaré todo lo que hobieredes recebido, á la misma hora; que acá non hay agora persona con quien yo te pueda enviar moneda. Fecha hoy Viernes 3 de Diciembre de 1504.

Tu padre que te ama mas que á si

S
S A S
X M Y
XPO FERENS

Para melhor comprehensão d'esta carta convêm dizermos que ao tempo em que Christovam Colombo a escreveu já a rainha Isabel de Castella era fallecida.

Era para Colombo—essa princeza tão avida de gloria—a sua devotada protectora, o seu anjo bom, a unica estrella que o guiava nas suas luctas e incertezas, e que lhe alimentava a fagueira esperança dos bons resultados das suas intensas fadigas. Via que o rei Fernando d'Aragão não lhe era muito affeiçoado, bem como a grande maioria da côrte e esse desgosto o minava lentamente a par das mortificações que lhe traziam os seus achaques.

Christovam Colombo ao referir-se com o mais profundo sentimento á infausta morte da gloriosa rainha escrevia a seu filho Diogo, n'uma das suas cartas: «A primeira cousa que tens a fazer é de encommendar a Deus affectuosamente a alma da rainha: ella sempre se consagrou ao serviço das cousas de Deus e todos nós estamos certos que foi gosar da sua santa gloria e collocar-se ao abrigo das penas e das tribulações d'este mundo».

Quando a princeza Joanna (a celebre Joanna, a *Louca*, casada com o archiduque d'Austria, Filippe (depois rei de Hespanha com o cognome de *Filippe o Bello)* quando essa malaventurada princeza chegou de Flandres, para tomar posse do throno de Castella, Colombo, então retido no leito da dor por um rheumatismo geral, ainda chegou a enviar á côrte seu irmão Bartholomeu, afim de ver se conseguia da nova rainha o seu cargo de *vice-rei das Indias*, que os seus inimigos lhe haviam roubado conjuntamente com outros privilegios e regalias inherentes a essa alta posição.

Infelizmente a sua mortal doença veiu cortar-lhe ainda mais essa esperança dando-lhe apenas o tempo preciso para escrever um codicillo em que transmittia a seu filho Diogo as suas ultimas vontades e o instituia herdeiro de todos os seus titulos e privilegios.

Os *castelhanos* a que Colombo se refere n'esta sua carta era uma moeda de oiro que então corria na Hespanha. Cada *castelhano* correspondia a 28 reales, ou tanto como uns 1$400 réis da moeda, portugueza.

O ducado era uma moeda de prata, equivalente a 800 réis da nossa moeda.

(no sobrescripto) A mi muy caro fijo D. Diego Colon. — En la Córte.

Muy caro fijo: El Sr. Adelantado y tu hermano y Carvajal partieron hoy son diez y seis dias para allá. Nunca mas me han escrito. D. Fernando llevava 150 ducados. El habrá de gastar lo que hobiere menester, y lleva una carta para los mercadores que te provean de dineros.—Otra te envié despues con fee de Micer Francisco de Ribarol, con Zamora el correo, y dije que si por mi carta te habian proveido que no usásedes de la de Francisco Ribarol; ansí como agora digo de otra carta que te envio con esta de Micer Francisco Doria, la cual te envio á mayor abundancia, porque non falte que tu non seas perveido.—Ya dije como es necesario de poner á bien recabdo en los dineros fasta que sus Altezas nos den ley y asiento. Tambem te dije que yo he gastado para traer esta gente á Castilla 1:200 castellanos los cuales me debe su Alteza la mayor parte dellos, y por esto le escrebi que me mandase a tomar la cuenta.

A ca, si posible fuese querria cada dia cartas.—De Diego Mendez me quejo si non lo haz, y de Gerónimo, y despues de los otros cuando allá llegaren. Es de trabajar de saber si la Reina, que Dios tiene, dejó dicho algo en su testamento de mi, y es de dar priesa al Sr. Obispo de Palencia, el que fué causa de sus Altezas hobiesen las Indias y yo quedase en Castilla, que ya estaba yo de caminopara fuera: y ansí al Sr. Camarero de su Alteza.

Si viene á caso á fablar en descargo és de trabajar que vean la escritura que está en el libro de los privilegios, la cual amuestra la razon porque se me debe el tercio, ochavo y diezmo, como por otra te dije.

Yo he escrito al Santo Padre de mi viage porque se quejaba de mi porque no le escribia. El traslado de la carta te envio. Querria que le viese el Rey nuestro Señor ó el Sr. Obispo de Palencia, primero que yo envie la carta por evitar testemunios falsos.

Camacho me ha alevantado mil testimonios. A mi pesar le mandaba á prender.—El está en la Iglesia: diz que pasado la fiesta irá allá si pudiere.—Yo si le debo amuestre por donde; que fajo juramento que yo non lo sé, ni es verdad.—Si sin importunar se hobiese licencia de andar en mula, yo trabajaria de partir para allá pasado Enero, y ansí lo haré sin ella; por onde non se deje de dar prisa pra que las Indias non se pierdan, como hacen. Nuestro Señor te haya en su guardia. Fecha hoy 21 de Diciembre. Tu padre que te ama mas que á si.

S
S A S
X M Y
XPO FERENS.

Nas costas da carta acha-se escripto, tambem pela letra do Almirante:

(Estos) diezmos que me dan és el diezmo que me fue prometido: los privilegios lo dicen; y bien ansi se me debe al diezmo de la ganancia que se trae de mercadorias y de todas otras cosas, de que non recibi nada.—Carvajal bien entiende.—Tambien se acoerde Carvajal de haber carta de su Almirante para el Gobernador, que luege envie las cuentas y los dineros que allá tengo sin dilacion, y seria para este bueno que fuese á esto un repostero de su Alteza, porque deben de ser buena suma para mi. — Yo trabajaré con estos señores de la contratacion. Que tambien envien a decir al Gobernador que envie esta mi parte con el oro de su Alteza. — Ni por esto le deje de remediar allá estotro. — Dijo que allá deben de pasar a mi creer de 7 ó 8 000 pesos que se habron recibido despues que yo parti, sin los otros que no me dieron.

Silva Pereira.

A PRINCEZA UZALÍ

HISTORIA PHANTASTICA

(Ao meu mestre, o poeta *Mayer Garção*)

(Continuado do n.º antecedente)

Apóz insano afan, quando mesmo já desesperava de o conseguir, ao baixar-me para observar melhor o cinzelado das escamas arruelladas, pareceu-me ver que os caracteres eram moveis. Descoberto isto adiantei-me mais; tentei movel-as, mas ao forçal-as abri as, emtretanto pareceu-me ouvir os doces accordes d'ignota orchestra, longiquamente desferidos. Eram como que assim vibrações meigas, enebriantes, soporiferas, extranhas como echos de singular concerto de instrumentos de corda, alaúdes, citharas, lyras, harpas de tão maviosas euphonias que me levou a crer na magia deleitante das suggestões da audição.

Pouco a pouco ergui todas as letras e poude ler então perfeitamente EITXIREA. Bem engenhoso era, na verdade; a terceira letra era um V que quando abri para baixo se transformou em X, a primeira um L que ao abrir para cima se mudou em E, emfim uma combinação distincta e original.

Encantado pelos insinuantes accordes; extasiei-me e despreocupadamente fui dobrando outra vez as letras, ao fechar a ultima acabou o feerico encanto euphonico, que tanto me enlevara.

Continuando o meu exame vi, aos lados do throno duas estatuas esculpidas em aço polido, semelhavam dois armigeros, armados d'archa, como que guardando a sala. Na cabeça tinham collocados separadamente do resto da armadura, dois morriões emplumados, de visagem cahida e com resguardo cervical feito de malha forjada. No frontal do bacinete, via-se ainda o mesmo brazão; o que me levou a crer fossem estes elmos os que uzasse o rei, quando armado defensivamente.

Immerso n'este inquirimento, tudo olvidei, mas reparando n'este silencio que me terrificava, instinctivamente clamo, bramo, ninguem!

Tudo deserto; que quererá isto dizer?

Chamo, grito; só o echo argentino do metal desferido, me responde.

Ouço um ruido extranho, parece-me que as correntes da ponte rangem. Fujo, desço; eis-me sobre a ponte, mais um passo, estou na clareira. Mais um instante e já seria tarde. A ponte ergue-se mansamente.

Vejo luzes brilhando; lá ao longe entre os sandalos. Espero para ver. Eis que chegam. Viram-me, correm a mim; tremo, desfalleço.

Estão já perto, perco a luz, a vista. Ai! agarram-me. Perguntam me: «vistes sua alteza, Dona Uzali? villão;» olho, digo com a cabeça, não; e, vejo um cavalleiro de aspecto varonil, mas não moço.«Senhor, pergunto eu, não sei de que se trata que quereis dizer?...»

Mas o cavalleiro, assim que eu lhe disse, não; fincando raivoso os acicates no corcel, partira á desfilada.

Eis um outro, traz luz; passa por mim, correndo desesperadamente como se fosse perseguido por féras; vai gritando: «Celsitude! Celsitude!»

Cada vez estou mais confuso. Que se passaria n'aquelle castello? Sonharei, acaso! Não! estou bem acordado. Provemos, levanto-me; eis me em pé. Sinto me leve, vamos! Saibamos o que succede, e eis-me, sem temor, correndo em demanda dos que buscam não sei o quê.

Ah! é verdade fallaram-me de Dona Uzali; oh! uma nobre dama é quem origina tudo isto.

Passo pelo castello; reparo n'um velho bucellario que está á porta toda de aço polida, com cantos ornamentados entrelaçando um E de prata, vejo que a ponte está cahida. Parece me ser bom homem, as cans são mais prateadas que os reflexos do portal metalico; fallo-lhe, saberei emfim do que se trata?

Não me enganei, é bondoso; responde-me, graças ao ceu! Converso um pouco, já vou saber o que desejo; conta me:

— Ha talvez uma levada; que buscando se sua alteza Dona Uzali: em sua alcova para a convidar a descer á sala de jantar; não foi encontrada...

— Mas quem é Dona Uzali?

— E' a celsissima princeza herdeira presumptiva, d'este castello; acaso o não sabeis?

— E' mui nova em annos?

— Não, nasceu no anno setenta e tres do seculo; na terceira segunda do mez a que Julio Cesar deu o nome e em que a canicula começa imperando com os seus ardores; no dia em que lithurgicamente se venera o martyr S. Praxedes.

— E' bella?

— Oh! quando nasceu, sua alta Magestade a rainha Dona Nana, mandou convidar todas as fadas, que vieram assistir e a fadaram com todos os merecimentos, virtudes e dotes feericos. Uma deu-lhe belleza; outra, bondade, como o mais bello dom; outra, modestia, doçura, candidez; outras espirito e todos os dons que só as fadas podem dar. Veio tambem a rainha Mab, rainha das fadas, que foi sua madrinha...

— E que dom lhe outhorgou? perguntei eu, pois que todos e os mais bellos lhe haviam dado as outras.

— Diz-se que lhe deu um formosissimo dom, mas em segredo. Até hoje ainda se não sabe qual elle foi.

— E' extraordinario! Dizei-me com verdade, e ella é tudo quanto a fadaram?

— Oh! e mais.

— E mais?! E' então um complexo de virtudes e graças, uma verdadeira deusa?

— Positivamente, não; mas para nós quasi que o é. E formosa como os anjos, boa como a virgem da lithurgia; meiga e gentil como um passarinho; bella e candida como um liz das aguas; graciosa como um golfão aquatico...

E o velho bucellario parecia um enamorado descrevendo a sua amada, um justador a sua dama, um poeta incensando o seu ideial, tal era o fervor, o fogo com que a encomiava, revelação de quanto era amada por suas virtudes.

Depois continuando assim me dizia:

— Suas Celsitudes, e todos os lacaios, camaristas, palafreneiros, arautos, armigeros, todos a buscam. Os pagens e camareiros de serviço, que a tem procurado no castello, ainda ha pouco sahiram. Só eu fiquei, não os poude acompanhar, já pela minha idade, já por não dever abandonar o castello de cujas guardas sou chefe.

— Estais n'este castello ha muitos annos?

— Nasci aqui, n'este castello onde tudo é bondade; e esta farda que vêdes, que me ennobrece, trajo-a ha setenta annos; e o ancião apontava batendo no peito, no qual se via decorando o gibão cor de cereja, as armas da casa; perguntei-lhe o que queria dizer aquelle E timbrado pela corôa.

— Eitxirea, que é o nome da casa, uma das mais ricas e poderosas que tem o governado o Eldorado.

Perguntei lhe mais, sobre a bella princeza fugida; disse-lhe se suspeitaria d'um rapto. Disse-me, que sim; pois que tambem desapparecera o joven camareiro Stevese, com quem sua alteza muito sympathisava foi ella quem o elevou de simples pagem que era, a seu camareiro.

— E o que fazem n'este caso?

— Buscam n'a, procuram n'a pelo bosque; alli, n'aquelles sandalos, ha bellos retiros em que a celsa princeza muito gostava de passear.

De repente o velho bucellario, olhou-me com curiosidade e disse me: «fuja! elles que tornam, ande fuja, depressa!»

N'este momento muitos homens armados e vestidos de cores variegadas tanto quanto as suas gerarchias de servidores, cuja distincção era, consistia no colorido dos seus gibões, dolmans, etc., e que vinham correndo em direcção ao castello. Eu affastei-me, não sem dizer ao bom velho, tornaria pois que me interessava extremamente a bella princeza. Ao distanciar-me, vi os peões entrarem para logo sairem montados em bellos ginetes, luxuosamente arreiados; xaireis de brocatel de ouro, epiphias de prata; bridão de platina dourada cravejada de saphyras, e testeiras de prata cinzelada, estribos de ouro lavrado, da fórma de trapezio.

Galopam, dirigem se para onde estou, passam perto, voam; aonde irão? Eis uns que vem mais atraz; lá cae a um dos cavalleiros o talim que que suspende a fina lamina d'uma gomia. Oiço-os, ei-los que descem, fallam alto:

— Vamos, aviemo-nos que já vão longe, e temos que a preceder. Sim! e ella não gosta de ser antecedida por simples batedores que podem e são as mais das vezes lacaios infimos, quer ella que occupem esse logar os moços de estribeira, e nós somos os unicos passavantes da casa. A rainha Mab tem razão; rainha como é, deve ter todas as honras inherentes á sua condição.»

Assim dizem os dois cavalleiros. Entretanto abotoado o talim que cahira; verificado o estado da lamina (talvez ainda virgem), com o que machinalmente; montam de novo e partem n'um galope desfechado, veloz e rapido mais, do que o brilhar d'um relampago.

Oh! vão buscar a madrinha; para que será? O velho bucellario fallou-me d'um dom secreto, em que consiste? Emfim, nada sei. Que devo pensar? Talvez espectando os factos consiga saber.

Esperemos.

(Continúa).

Esteves Pereira.

REVISTA POLITICA

Os decretos do fomento agricola industrial que o *Diario do Governo* de 4 do corrente publicou, são a ordem do dia desde a Arcada até á Casa Havaneza, interessando muito mais o publico do que as eleições, graças a Deus.

Era costume velho por estes tempos de gestação eleitoral, não se ouvir fallar mais que de eleições, mas os decretos do sr. ministro das Obras Publicas, tiveram arte de chamar todas as attenções a si, como uma verdadeira novidade, d'aquellas que interessam geralmente, e por que ha muito se suspirava, como uma necessidade de tirar o paiz da modorra em que tem jazido, no seu desenvolvimento agricola e industrial.

Ha muito que era reclamada a liberdade da terra, agrilhoada a encargos emphyteuticos irremessiveis, o que era um grave estorvo para o desenvolvimento da cultura e augmento das populações ruraes, mas os governos sempre mais preocupados com a politica do que com a administração não baixavam as suas vistas sobre estas pequenas miserias, e preocupava-os muito mais se as eleições se ganhavam ou se perdiam.

Ora sempre é muito melhor ganhar popularidade, em vesperas de eleições com medidas de alcance das que o sr ministro das Obras Publicas acaba de decretar, do que tratar apenas de anichar partidarios para arranjar votos, embora se desarranje o equilibrio orçamental.

Achamos esta orientação muito melhor, muito mais saudavel, muito mais patriotica.

Não é por emquanto completa a libertação da terra, pois que as remissões só se poderão realisar em prasos cujo dominio directo não tenha valor superior a trezentos mil réis, mas isto já é um grande passo dado na imamcipação da terra dos dominios directos.

Outro decreto isempta, por dez annos, de contribuição de registo as transmissões de terrenos incultos que se arrotearem para as culturas da vinha e cereaes.

O decreto que auctorisa o governo a fornecer sementes e adubos, está perfeitamente regulado para se levar á pratica com verdadeiras vantagens para os cultivadores.

O que trata dos vinhos é talvez mais difficil de pôr em pratica, mas os grandes interesses que estão ligados a esta industria devem concorrer poderosamente para a sua execução, que é toda de beneficios para os vinicultores, procurando abrir-lhes as portas dos mercados estrangeiros e valorisa lhes a producção.

O aperfeiçoamento dos vinhos portuguezes, a sua lotação em condições de agradarem nos differentes mercados do mundo é uma questão da mais alta importancia para a riqueza vinicola, e, portanto para a riqueza nacional de que aquella industria é o primeiro elemento.

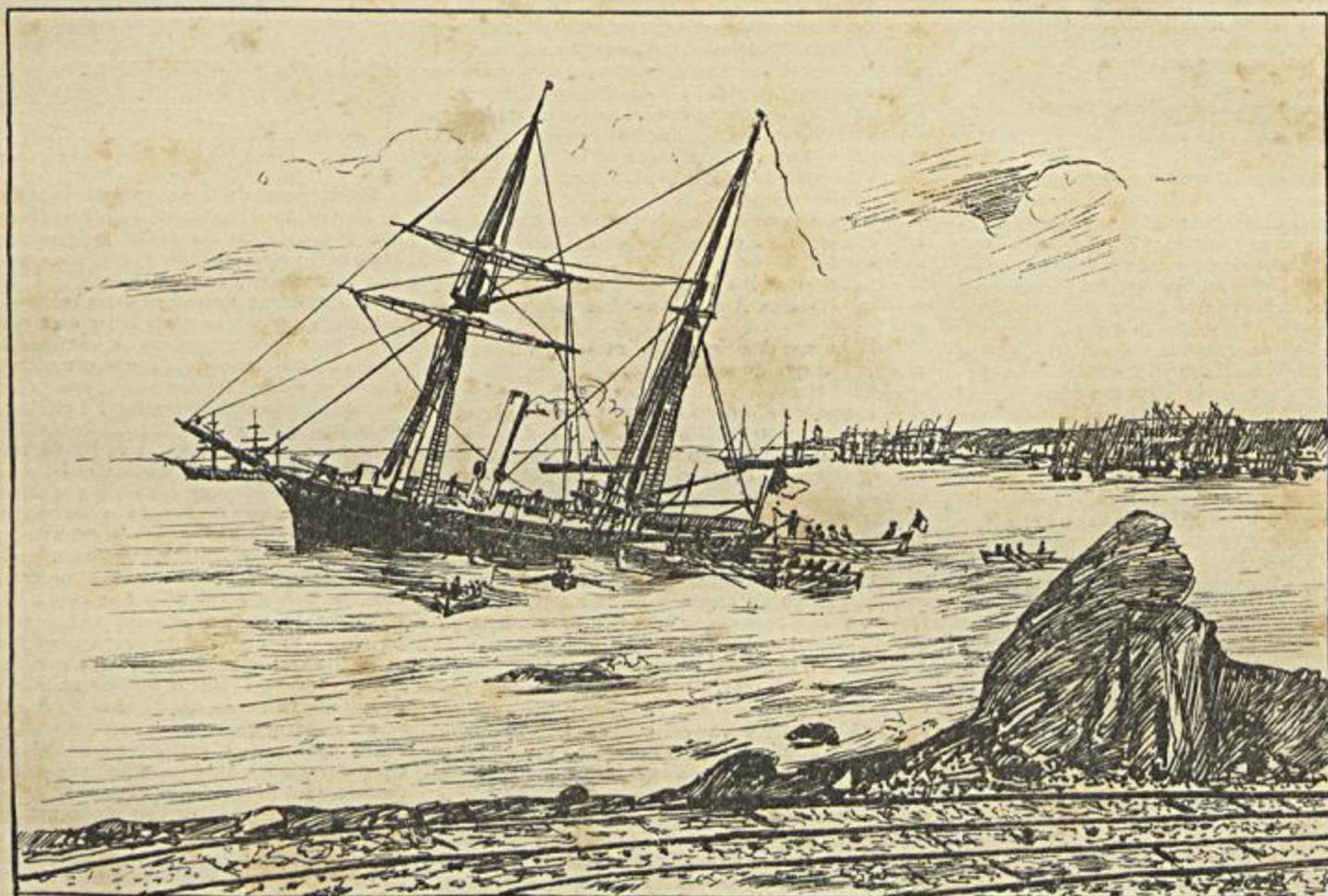
Assim o que houver de menos pratico no decreto, pela difficuldade de legislar prevendo qualquer inconveniente que só a pratica fará conhecido, devem os interessados estudar e indicar o modo pratico da lei produzir os seus effeitos beneficos.

O mesmo diremos com respeito ás Adegas Sociaes em que é preciso o concurso de todos os vinicultores.

COMMISSAO DAS FESTAS DE ELVAS

MANUEL JOAQUIM DAS TORRES

JOSÉ NUNES DA SILVA SOBRINHO
Presidente da commissão

ANTONIO GARCIA DE ANDRADE

NAUFRAGIO DA CANHONEIRA «GUADIANA» EM CASCAES

(Desenho feito horas depois donaufragio, por L. Freire)

O decreto que trata do sulphureto, hoje indispensavel para o tratamento da vinha, facilita a sua acquisição ao vinicultor, acabando com umas negociatas que para ahi se faziam e em que o governo não era o menos lesado.

Um outro decreto ainda trata da reconstituição das vinhas pelas cepas americanas, e, n'este sentido manda criar viveiros no paiz, e facilitar a sua acquisição, estabelecendo premios aos que melhores bacellos apresentarem, etc.

É importante o decreto que se refere a industrias novas pelos privilegios, concessões e invenções que lhes dá, assim como o que regula a concessão de minas, tornando immediatos os effeitos da concessão, acabando com as delongas que a lei permittia e que na maioria dos casos só serviam para retardar ou impedir a exploração.

Sobre os impostos de minas tambem faz concessões como a de isentar de direitos os productos de minas que se exportam, assim como de imposto proporcional o minerio de ferro que se fundir no paiz.

Outros decretos ainda se occupam das irrigações das terras, das aguas mineraes, do mercado central de productos agricolas, da piscicultura e das estradas, no sentido de activar a construcção d'aquellas que ligam com estações de caminho de ferro, regulando a parte que pertence aos districtos e a parte que pertence aos municipios, facilitando assim a construcção por empreitadas, etc.

Os limites e indole d'esta revista não nos permittem alargar em apreciações sobre a acção benefica d'estes decretos, mas a sua critica parecenos feita, sabendo-se que toda a imprensa do paiz, sem distincção de partidos tem sido unanime em lhes reconhecer o alcance e a utilidade.

É uma verdadeira lei de fomento de que apenas alguns duvidam que se leve á pratica tão cabalmente como é para desejar.

Cremos que isso agora só depende da iniciativa particular. O governo abriu o caminho, agora resta haver quem o trilhe. O governo facilitou tudo ou mesmo mais do que devia, no que respeita ás sementes, adubos, cepas americanas e vinhos, agora os interessados que completem a obra, pois não parece que queiram o governo lhes vá cavar a terra, semear as cearas e metter os bacellos.

E chegados ao fim da revista não nos resta espaço para fallar das eleições, que de resto estão ainda pouco viaveis.

A pouco mais de dez dias de distancia da urna, estão a todas as horas a pedir a demissão varios administradores de concelho, a apparecerem declarações de desistencia de varios candidatos, e a jogarem a pancada varias freguezias por desaccordos eleitoraes.

Entretanto o sr. conde de Burnay anda n'uma verdadeira peregrinação por esse Portugal fóra offerecendo a sua candidatura a varios circulos sem conseguir ao de menos ser um segmentosinho de algum.

Elle, por fim, consta, que já se contentava com um raio, mas nem essa dita tem.

Veremos o que se desenrola até que chegue o dia eleitoral, mas o que é certo é, que depois dos decretos de fomento, o que está interessando muito mais o publico é a rapida subida do cambio do Brazil, que já fez descer o agio das libras a um reles 750 réis, com grande desprazer d'aquelles que se preparavam para duplicarem as suas queridas loiras.

Tenham paciencia, quem tudo quer tudo perde. Olhem que d'aqui a pouco nem dez reis lhe dão por cada uma.

João Verdades.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
R. Nova do Loureiro, 25 a 39